



MIGRANTES E EXILADAS: PERSONAGENS TRAVESTIS NA LITERATURA BRASILEIRA DO SÉCULO XX

Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes

Universidade Federal da Paraíba; Universidade Federal Rural de Pernambuco

RESUMO: O presente trabalho discute a condição de exílio na construção de personagens travestis na literatura brasileira do século XX. Para tanto, nos baseamos na relação entre exílio e literatura postulada pelo crítico Edward Said (2003). Faremos menção a alguns contos e romances brasileiros do século XX a fim de ilustrar a problematização que destacaremos, sendo que tal seleção teve por base narrativas que claramente apresentam como protagonistas sujeitos travestis. O objetivo é, a partir da discussão dessas obras, chegar a um argumento crítico sobre a recorrente situação de exílio das protagonistas travestis na literatura brasileira, corroborando uma possível relação de mimetização ou de realismo nessa faceta da literatura homoerótica com o que se verifica no âmago de sociedades patriarcais e heteronormativas.

Palavras-chave: Personagens travestis; discriminação; literatura brasileira; realismo.

INTRODUÇÃO

Grupos não-hegemônicos quase sempre foram expostos ou sujeitos a situações pouco favoráveis de convivência com a parcela da sociedade dominante que os resignaram à marginalidade e isolamento. Não é novidade que questões de raça, etnia, gênero, sexualidade, religiosidade e crenças, costumes, culturais enfim, tenham causado segregação entre homens e mulheres devido à não aceitação das diferenças e dificuldade de compreensão da alteridade como uma característica humana. Dos leprosos bíblicos ao anti-semitismo nazista muitas foram as

estratégias de coação e de segregação contra aqueles que ousaram divergir da norma.

Entre as chamadas minorias segregadas, nenhuma, talvez, tenha experimentado tanto o rechaço cultural e a violência simbólica (BOURDIEU, 2007), como também a violência física, quanto aquela formada por homens e mulheres que perturbaram as fronteiras de gênero travestindo-se, no intuito de construir uma identidade outra ou de viver uma subjetividade diferente da considerada “normal” pela sociedade. Como minoria, as travestis experienciam uma espécie de exílio, algo bastante recorrente tanto no mundo real como na ficção.



As travestis são concebidas aqui, socialmente, como sujeitos que foram considerados homens ao nascer, mas burlaram essa consideração, forjando uma identidade de gênero ambígua entre os pólos masculino e feminino, e literariamente como a personagem de ficção que tem sua trajetória marcada, na narrativa, perpassando um período no qual a identidade sexual e de gênero era masculina, ou seja, era uma personagem homem que passa pela transformação corporal, através da vestimenta e outras tecnologias do corpo e torna-se uma personagem travesti, que parte da aparência feminina para constituir uma nova identidade de gênero.

Embora em pequena proporção, as travestis encontram um “lugar” na produção literária brasileira¹ – seja como personagens de romances, novelas e contos, seja como elemento relevante em poemas e letras de canções – motivando discussões que pretendam investigar quais os fatores

¹ Segundo nossas pesquisas bibliográficas, bem como experiência de leitura, podemos listar 17 títulos de obras em prosa publicadas durante o século XX com protagonistas travestis - Contos: “A grande atração”, de Raimundo Magalhães Jr, “Tais”, de Walmir Ayala, “Dia dos Namorados”, de Rubem Fonseca, “Amor Grego”, de Aguinaldo Silva, “Ruiva”, de Julio César Moreira Martins, “Rita Pavone não usa tubinho”, de Zeilton Alves Feitosa, “Mudanças”, de Orlando Jerônimo, “O anjo da avenida atlântica”, de Luís Canabrava; Romances: *Georgette* e *Uma mulher diferente*, de Cassandra Rios, *Crônica da casa assassinada*, Lúcio Cardoso, *Travesti*, de Roberto Freire, *O Travesti*, de Adelaide Carraro, *Stella Manhattan*, de Silviano Santiago, *O fantasma travesti*, de Silvia Orthof, *Nicola*, de Danilo Angrimani; Peça teatral: *Shirley*, de Leopoldo Serran.

determinantes da maneira como as personagens travestis foram configuradas, como as ideologias machistas se perpetuam na cristalização de preconceitos incrustados na criação dessas personagens e também quais as saídas e subversões que promovem na barreira discursiva que insiste em tornar o tema tabu e nefando.

A literatura homoerótica² no Brasil, segundo Silva (2010) e Fernandes (2015), tem mantido uma relação de proximidade estilística com o Realismo do século XIX e com a Geração de 30 do século XX, quando o Regionalismo, apoderando-se de uma vertente Neo-realista, problematizou os conflitos do povo nordestino principalmente. É preciso contextualizar que a definição de literatura homoerótica é a de textos literários que centralizam a temática da diversidade sexual, na mais variadas facetas, incluindo a manifestação das travestilidades³ como subjetividade associada ao rol das múltiplas experiências de modos de vida homoeróticos.

² Apesar de polêmica, estamos empregando essa expressão e outras – literatura *gay*, *lésbica*, *homoerótica*, *homoafetiva* – como forma de agrupar textos literários que centralizam as relações íntimas, afetivas ou o desejo entre pessoas do mesmo sexo. Sobre caracterização da *literatura homoerótica*, ver a discussão promovida por Silva (2010).

³ Sabemos que a experiência da travestilidade está ligada a questões tanto de identidade de gênero quanto de orientação sexual, estamos associando as subjetividades transgênero ao homoerotismo pela abrangência desse termo aplicado à diversidade sexual como sugerido por Costa (1992).



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Talvez por essa perspectiva (neo)realista, as narrativas brasileiras que possuem protagonistas travestis têm representado os conflitos vividos por esses sujeitos na realidade, como a violência e a discriminação, os espancamentos por parte de terceiros que não aceitam as transformações de seus corpos. A presente proposta desse artigo tem por objetivo analisar a condição de exílio de sujeitos ficcionais travestis na literatura brasileira do século XX, a partir de um recorte de narrativas em que tais personagens aparecem.

Ao estabelecer esse objetivo não poderíamos deixar de mencionar a relação entre exílio e literatura postulada pelo crítico Edward Said (2003), segundo o qual o exílio é uma das experiências mais angustiantes representadas poeticamente e que é geralmente caracterizado por um desprendimento forçado de um sujeito de sua pátria/local/cultura de origem para outra estranha, seja como forma sobrevivência, seja como forma de buscar por diferentes oportunidades de vida; o exílio, nas palavras dele, é uma “fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar.” (SAID, 2003, p. 45). Entendemos que essa “fratura”, esse corte metafóricamente mencionado como uma separação consiste não só num deslocamento geográfico, mas em um desprendimento da

família, dos valores locais e até mesmo de seu próprio “eu”.

É importante ressaltar que na história do Brasil foi constante o exílio de sujeitos travestis de suas cidades ou de seus lares, são recorrentes os relatos de casos problemáticos das travestis com suas famílias, expulsões de casa, fugas e abusos ou rejeição por parte de pais e parentes.

No início do século XX, conforme Green (2000, p. 171), “O uso expressamente feminino de roupas, maquiagem e sobrancelhas tiradas e os apelidos não-masculinos eram comuns entre os bichas dos anos 30”. O historiador ainda cita muitas personalidades que possuíam tal hábito e que sofreram as consequências de chocar a sociedade com sua aparência: ou eram presos, uma vez que “até 1940 o travestismo em público constituía uma violação do Código Penal” (GREEN, 2000, p. 172), ou eram internados em alguma instituição para doentes mentais. Assim, do ponto de vista histórico, a discriminação social ocasionada pela determinação das normas binárias de gênero e de sexualidade gerou exílio para todos e todas que tentaram escapar dessa ordem. E uma das tentativas de escapar dessa opressão foi a migração de sujeitos travestis para grandes centros urbanos do Brasil.

Segundo os antropólogos Kulick (2008), Silva (2007), Pelúcio (2009) e



Benedetti (2007), em etnografias sobre a experiência da travestilidade⁴ no Brasil, as identidades transgênero são manifestações típicas do ambiente urbano, onde se acredita haver uma permissividade para vivência das sexualidades excêntricas. Essa afirmação corrobora o argumento de Eribon (2008, p. 37): “A cidade é, antes de tudo, uma maneira de escapar tanto quanto possível ao horizonte da injúria na medida em que este significa a impossibilidade de viver a homossexualidade sem ter de dissimulá-la permanentemente.” O espaço urbano parece ser, portanto, o refúgio para sujeitos gays, lésbicas e travestis em busca de maior liberdade social quanto à manifestação dos próprios desejos.

O fluxo migratório de travestis para grandes centros urbanos é registrado em todas as etnografias citadas. O que nos indica uma profunda experiência de exílio vivida pelos sujeitos travestis, aspecto este que é plasmado de modo muito sensível na literatura, como mostraremos logo mais.

Porém, antes de migrarem para grande centros urbanos, durante sua infância e adolescência sujeitos homoeróticos que marcam seus trejeitos pela efeminação e pelo desejo de trânsito de gênero experimentam duras penas no seio familiar e comumente são

⁴ Empregamos o termo Travestilidade, conforme Pelúcio (2009), no lugar de Travestismo, uma vez que o primeiro fornece uma visão pluralizada da experiência travesti, promovendo um olhar mais abrangente e positivo.

expulsos da casa de seus pais ou parentes, como endossa Pelúcio (2009, p. 70): “Quando as travestis “se assumem”, o espaço doméstico da família, via de regra, se torna insustentável. Perde seu caráter de acolhimento e proteção, passa a ser ameaçador”. Os conflitos entre a postura tradicional das famílias e o comportamento afeminado fazem com que esses meninos, possivelmente futuras travestis, experimentem uma profunda dor e estigma, segundo Peres (2005). A rua passa a ser o ambiente de moradia desses jovens cujas narrativas, colhidas pelos antropólogos citados, revelam profundo sentimento, como afirma Said (2003, p. 46), “de perda de algo deixado para trás para sempre”.

Dessa maneira, parece ser bastante óbvia a relação entre a experiência da travestilidade e a do exílio na cultura brasileira, de modo que se acreditamos que a literatura que tematiza a diversidade sexual tem plasmado aspectos da realidade na construção das personagens que materializam sujeitos considerados fora da ordem, como as travestis, sendo compreensível que essa relação entre a identidade travesti e seu isolamento ou exílio seja analisada.

Said (2003) se refere à relação entre exílio e literatura com ênfase direta à autoria; isto é, a literatura de exílio, ou a literatura de exilados, é composta por textos produzidos



por escritores em tal situação, marcando na escrita uma imagem de si, magoada, perdida, inconformada pela separação com seu elo cultural e familiar de origem. É preciso salientar que no caso das obras a que fazemos referência, o exílio e a travestilidade são temas da construção dos textos, são marcas dos fatos narrados na “vida” das personagens travestis, conforme veremos adiante.

AS NARRATIVAS E AS PERSONAGENS TRAVESTIS: MIGRAÇÃO, EXÍLIO E ABJEÇÃO

Dentre as obras literárias que encontramos, “A grande atração”, de Raimundo Magalhães Jr., publicado em 1936 é o primeiro conto brasileiro, segundo nossas pesquisas bibliográficas e experiência de leitura, que traz em seu enredo uma protagonista travesti. Em seu conto, Magalhães Jr. problematiza os conflitos do protagonista Luigi Bianchi, que apesar do nome masculino, “Tudo nêle era feminino. A voz, os gestos [...]” (Magalhães Jr., 1967, p. 206), inclusive a forma de se vestir e as performances de cantora, sendo soprano lírico e adestradora de cães em um circo decadente.

A ida de Bianchi ao circo é, em si, uma experiência de exílio. O narrador explica que ele estudara em Milão e sonhava em

ocupar a posição de soprano em alguma companhia de ópera:

Mas nas óperas quase só havia papéis de tenor, de barítono e de baixo. Só no “Orfeu”, de Gluck, havia um bom papel masculino, mas para contralto, sempre representado por mulheres. [Bianchi] Quis interpretá-lo. Não lhe deram o papel. E o professor declarou:

– Isso seria uma confissão vergonhosa para você... Mude de vida... Pode ser que um dia venha a ser tenor...

Bianchi, porém, preferiu o travesti. Andou primeiro na *varieté*. Depois no circo. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1967, p. 207-208).

A ideia de fracasso se torna evidente pelo sonho frustrado de Bianchi, causado pela ordem rígida dos papéis de gênero em uma sociedade patriarcal. A organização de uma ópera, como a sociedade, também impõe limites baseados na identidade sexual dos indivíduos, de acordo com suas vozes. Assim, contralto e soprano são vozes femininas e, portanto, exclusivamente mulheres deviam executar esses papéis, por suas vozes suaves, agudas, como era a de Bianchi. Este, por ser homem, tinha como opções cantar como baixo, barítono ou tenor. Contudo, o protagonista não se “enquadra” em nenhum dos “moldes pré-estabelecidos” dos papéis musicais para as vozes de homens e mulheres:



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

era homem, mas sua voz e seu agir eram femininos e, por isso, o rejeitaram, por ser estranho e, portanto, destinado à exclusão naquele contexto de rígidas normas quanto às posições de sujeitos e de suas identidades de gênero, interferindo na identidade profissional.

O exílio de Bianchi para o circo é forçado pela ausência de oportunidades de realização de seu desejo. Como sujeito interdito, ele prefere burlar a ordem e manter-se no palco do que adequar-se à voz e ao corpo imposto a ele.

Um exemplo bastante evidente dessa relação entre travestilidade e exílio é o conto “Ruiva”, publicado em 1978, de Julio César Monteiro Martins (2007), no qual a personagem Juarez, morador da cidade de Montes Claros, no estado de Minas Gerais, viaja para São Paulo (capital) com o intuito de transformar-se em Gina, travesti de peruca ruiva sonhadora de um mundo sem desigualdade e preconceitos. E esse fluxo de migração de personagens travestis é bastante comum nas narrativas brasileiras, elas migram porque não encontram lugar em sua cidade natal, onde são alvos de preconceitos e violências, como afirma Juarez/Gina a uma senhora, personagem secundária do conto:

– Não que eu tenha nascido mulher totalmente, – dizia ele à assustada senhora que

viajava ao seu lado no ônibus [...] – mas homem eu sei que não nasci. Sou essa coisa assim... esquisita. Uma criação toda especial da natureza. A senhora entende? Por isso é que eu vou pra São Paulo. Lá eu posso assumir a minha realidade. Em Montes Claros nunca deixaram eu ser eu mesma. Chegavam até a reunir grupinho pra me dar surra na rua. Desculpe eu falar, que eu sei que a senhora é de lá, mas é tudo capiau bronco, que não tem respeito pelo ser humano. (MARTINS, 2007, p. 241).

A fala da personagem denuncia as agressões sofridas por ela e, ao mesmo tempo, apresenta, de modo bastante positivo se pensarmos na aceitação da mesma em relação a sua travestilidade, o posicionamento dela em relação a sua identidade de gênero fora do padrão: nem nasceu mulher, nem homem, é uma “criação toda especial da natureza”. Infelizmente, Gina descobre que a cidade grande também é repleta violências e discriminações e a obra literária funciona também como um modo sensibilizar o leitor para as dificuldades vividas pelas travestis, seja em municípios de pequeno ou grande porte.

A obra possui características peculiares que a tornam criativa e verossímil, como as marcas de oralidade nas falas dos sujeitos ficcionais e as reações da personagem



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

principal em vista dos acontecimentos da fábula. Gina, exilada de sua cidade interiorana, busca uma realidade utópica na capital paulista para com a aceitação de sua identidade de gênero, acaba decepcionada com o que vivencia e volta para o interior de Minas. No desfecho do conto, Gina suspira: “Ai, como é difícil viver nessa vida invertida! (MARTINS, 2007, p. 254) [...] Só Deus sabe como estou sofrendo com tanta desumanidade. (p. 255)”. Por meio dessa trajetória de Juarez, que se transforma em Gina para ganhar a noite na Boca do Lixo paulistana, o narrador denuncia as degradantes condições de vida das travestis e a impossibilidade de Gina encontrar lugar para si no meio social, mesmo migrando para um grande centro urbano e tentando agrupar-se com as demais travestis.

Green (2000) apresenta uma estatística que registra um aumento de mais 157% da população no Rio de Janeiro entre 1900 e 1940, enquanto nesse mesmo período, em São Paulo, o crescimento foi de aproximadamente 272%, em número de pessoas. Pelo que foi documentado na época, os dois municípios tiveram ao todo 2.159.017 moradores a mais em quarenta anos. (GREEN, 2000, p. 125). Mas ainda assim a população brasileira até 1950 vivia predominante na zona Rural. Nas décadas de 1960 e 1970 é que ocorreu o maior índice de êxodo rural e também de migrações

para a região Sudeste. Em 1960, era a única região a possuir mais da metade de seus habitantes vivendo na zona urbana (57%), o que se elevou para 72% na década de 1970. Essa fase de desenvolvimento urbano, principalmente das duas maiores cidades do Brasil (Rio de Janeiro e São Paulo), possibilitou os registros de modos de vida homoeróticos e de travestilidade, que passaram a ser mais recorrentes e evidentes nesses espaços urbanos pós 1960.

É curioso perceber que as obras repetem esse movimento, esse trânsito migratório das personagens travestis, como ocorre com Gina e com outras como o caso da personagem Joselin, da novela “O milagre”, de Roberto Freire, publicado em 1978. Nessa narrativa, Joselin, personagem travesti que vivia na cidade de Ponte Alta, no estado de Santa Catarina, migra, assim como Juarez, para São Paulo. O motivo foram “tortura e humilhação em Ponte Alta” (FREIRE, 1978, p.18). Os conflitos com os seus familiares e com os moradores de sua cidade se tornaram incontornáveis, de modo que ele se muda para a capital paulista onde se prostitui.

Como mencionamos anteriormente, a relação de perda e separação do lar/família é também um modo de se pensar o exílio, mesmo que vivendo na mesma cidade. Essa é a história de vida de muitas travestis brasileiras. É o que ocorre no romance *Uma*



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mulher diferente, de Cassandra Rios, publicado a primeira vez em 1965 e, logo depois, censurado pelo regime militar. Nele, o leitor é levado, numa narrativa policial, a conhecer e desvendar a vida de Ana Maria, que tinha por nome de registro Sergus Wallereststein, mas que transformara seu corpo, tornando-se uma linda e sedutora travesti loura, dançarina de boates da noite paulistana. O romance se inicia já com a informação de que Ana Maria está morta e sua vida é revelada por meio das investigações do personagem Dalton Levi.

A família de Ana Maria é representada apenas pela presença na obra de sua irmã, Madga Wallereststein, descoberta por meio das cartas encontradas por Grandão ao invadir a casa da travesti. Os pais de Ana Maria (Sergus) e Madga sequer são mencionados, porém a relação dos irmãos nos permite tecer algumas considerações, conforme depoimento dela a Grandão:

[...] Por que, morando na mesma cidade, me limitava a escrever, não é isso? Muito bem, porque não entendia... não entendia a espécie de vida que meu irmão levava. Não podia aceitar aquilo. Li muito a respeito. Na família dos outros é fácil entender,mas, quando se trata do próprio irmão... bem... a coisa muda de figura... Entretanto, meu

irmão sempre foi muito meigo... Ficou corada quando disse isso, pois fazia parte das características do homossexual. [...] Creio que sofreu algum distúrbio psíquico; quis, a princípio, ajudá-lo. Levei-o a médicos, mas de nada adiantou... Tudo se acentuava mais, até que tivemos que nos separar... [...] Então, fizemos de conta que morávamos em cidades distantes, e escrevíamo-nos... [...] Como disse, tenho vivido afastada dele, como se morássemos em cidades distantes. Das cartas que escrevi para ele, a maioria não foi respondida, e as que respondeu só falavam de saudade, que ia mudar de vida, que, um dia, poderia vir visitar-me sem que eu me envergonhasse dele. Outras vezes, que eu precisava ser mais moderna e aceitar isso como algo inevitável. (RIOS, 2005, p. 93.)

Apesar de considerar vergonhosa a travestilidade do familiar, a personagem demonstra estar sofrendo pela perda (“Estava com os olhos vermelhos e procurava disfarçar a palidez do rosto com pó-de-arroz. Era evidente que chorava muito.” (RIOS, 2005, p. 92). Fica claro pela fala de Magda a não-aceitação da condição de Ana/Sergus, inclusive porque, todo o tempo, ela se refere a ela apenas no masculino, sem considerar a transformação operada em sua vida. A



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

posição da irmã ainda reflete o estereótipo de que o sujeito travesti é “muito meigo”, bem como a visão médico-científica de patologização das “homossexualidades”.

A separação familiar também é repetida no romance *Georgette*, de 1956, de Cassandra Rios. Roberto sai de casa justamente para transformar-se na travesti Georgette, e nunca mais retorna, uma vez que comete suicídio anos depois de sua transformação.

O exílio da família, a incompreensão dos mais próximos, é experimentada pelas pessoas e pelas personagens travestis de forma que a existência delas passa a ser vista como abjeta, segundo Pelúcio (2009), ou como “corpos que não importam”, segundo Butler (2013), uma vez que eles não reproduzem a inteligibilidade da norma heterossexual e binária. Assim, marcados pela abjeção, tanto atraem como horrorizam muitos dos que os cercam, trazendo à tona rejeições e atrações, de forma concomitante

As personagens Bianchi, Gina, Ana Maria, Joselin e Georgette têm em comum a trajetória dolorosa e de opressão representada nos enredos das narrativas, sendo bastante recorrente que os desfechos sejam trágicos: Bianchi termina solitário, único artista do circo do qual fazia parte; Gina se vê sem saída diante de tanta opressão e decide retornar para sua terra natal; Ana Maria e Georgette

morrem, a primeira assassinada, a segunda por suas próprias mãos; e Joselin, é abandonada de uma vez por todas seus familiares.

Ainda com Butler (2013) podemos pensar que a não inteligibilidade dos corpos subversivos leva de fato a um exílio (apesar da autora não utilizar esse termo), a uma exclusão do meio social: “Se certas vidas não se qualificam como vidas, ou, desde o princípio não são concebidas como vida, dentro de certos marcos epistemológicos, então, tais vidas nunca se considerarão vividas ou perdidas no sentido pleno de ambas as palavras.” (BUTLER, 2013, p. 63).

Vidas no exílio ou experiências de viver no exílio constituem um aspecto muito próximo da experiência da travestilidade, gerando uma nuance de dor, de perda, de lamento e de desagregação que se transforma em matéria fértil para o discurso literário na construção das personagens travestis, recorrentemente moldadas sob um viés realista de sofrimento.

As narrativas que discutimos brevemente constituem uma amostragem de um fenômeno representacional bem mais abrangente da relação entre exílio e personagens travestis na literatura brasileira. É fundamental apontar que a menção a essas obras é praticamente nula na crítica e história literária brasileiras e, portanto, nossa discussão parte de uma postura de resgate e de



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

denúncia dos modos de representação da travestilidade na literatura, trazendo tais personagens, bem como seus/suas criadores/criadoras para um lugar de destaque.

Dessa forma, notamos que a experiência de exílio, por causa da discriminação, está incrustada na experiência travesti e o exílio na literatura, como afirma Said (2003, p. 46), é uma tristeza que “jamais pode ser superada”. Nesse sentido, as narrativas com protagonistas travestis problematizam essa questão, promovendo talvez uma sensibilização para o sofrimento desses sujeitos. Vale considerar que tal sofrimento não é inevitável *ad eternum*, já que, se as sociedades tornarem-se mais compassivas, mais abertas ao que não se harmoniza com a norma, especialmente no que se refere a gênero, possivelmente leremos novas narrativas no futuro, nas quais as travestis poderão florescer de forma bem mais positiva.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BENEDETTI, Marcos R. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro, Garamond, 2005.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In.: LOURO,

Guacira Lopes (Org). *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Trad. Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FERNANDES, C. E. A. *O desejo homoerótico no conto brasileiro do século XX*. São Paulo: Scortecci, 2015.

FREIRE, Roberto. “O milagre”. In.: _____. *Travesti*. São Paulo: Símbolo, 1978.

GREEN, James. *Além do carnaval – homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *A Grande Atração*. In.: DAMATA, Gasparino (Org.). *Histórias do amor maldito*. Rio de Janeiro: Record, 1967, p. 202-211.

MARTINS, Julio César Monteiro. *Ruiva* [1978]. In.: RUFFATO, Luiz. (Org.) *Entre nós*. Rio de Janeiro: Língua geral, 2007, p. 241-256.

PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e Desejo – uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: FAPESP, 2009.

PERES, W. S. *Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania*.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Tese (doutorado), Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 2005.

RIOS, Cassandra. *Uma mulher diferente*. [1965]. São Paulo: Basiliense, 2005.

_____. *Georgette*. São Paulo: Record, 1956.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In.: _____. Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 46-60.

SILVA, A. P. D.. Incurções teóricas sobre o conceito de literatura gay. In.: SocioPoética – Vol. 1, Nº 7, 2010.

SILVA, Helio R. S. *Travestis – entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

